

A IMAGEM DOS NAVEGADORES PORTUGUESES NA
LITERATURA INGLESA SETECENTISTA: ROBINSON CRUSOE,
CAPTAIN SINGLETON E GULLIVER NA SENDA DAS ROTAS
MARÍTIMAS PORTUGUESAS

Rogério Miguel Puga

“It is easier for **us** who travel into remote countries, which are seldom visited by Englishmen or **other Europeans**, to form descriptions of wonderful animals both at sea and land. Whereas, a traveller’s chief aim should be to make men wiser and better, and to improve their minds by the bad, as well as good example of what they deliver concerning foreign places.”

Jonathan Swift, *Gulliver’s Travels*, 1975, p. 312.

Desde o século XV que, por toda a Europa, os feitos marítimos portugueses influenciam quer autores de obras literárias quer investigadores das mais diversas áreas de estudo.¹ À Grã-Bretanha setecentista continuam a chegar notícias das colónias portuguesas, bem como narrativas de viagens que são traduzidas, interessando, desde logo, navegadores, comerciantes e escrito-

¹ Quer através de narrativas de viagens que descrevem mundos-Outros quer através da cartografia, os portugueses, assim como os espanhóis, revolucionaram a *imago mundi* renascentista. David Woodward no seu artigo «Reality, Symbolism, Time, and Space in Medieval World Maps», in *Annals...*, 1985, p. 512, afirma que os portugueses foram agentes da transição entre a Idade Média e o Renascimento, no que diz respeito à cartografia. No século XVIII, quando Defoe e Swift escrevem a sua Obra, “(...) the Spanish and the Portuguese empires were some way past their prime. Portugal, in particular, was finding her huge and far-spread territory an impossible burden. By the time of Crusoe’s oriental adventures, it was the Dutch who had taken over as the major power east of Suez.” (Cf. Pat Rogers, *Robinson Crusoe*, 1979, p. 41).

res.² Jornalistas e escritores como Daniel Defoe (1660-1731) ou ainda Jonathan Swift (1667-1745) facilmente teriam acesso a traduções de obras do acervo da literatura de viagens portuguesa, obras estas que influenciam, ao longo dos tempos, vários autores ingleses. Adam Smith, na sua obra *The Wealth of Nations*, afirma que "(...) the discovery of America, and that of **the passage to the East Indies by the Cape of Good Hope**, are the two greatest and most important events recorded in the history of mankind" (ii, p. 141, negrito nosso).

Em vinte e cinco de Abril de 1719, Defoe publica o seu romance *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner (...)*,³ e, após o sucesso imediato deste, publica, quatro meses depois, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe (...)*.⁴ Em 1720 publica também *The Live, Adventures and Piracies of the Famous Captain Singleton*, obras em que a presença portuguesa é uma constante, quer através de personagens quer através de locais como Lisboa⁵ ou ainda colónias como o Brasil. Sete anos depois, Jonathan Swift edita o romance-sátira

² A título de exemplo dessas mesmas traduções, referimos a tradução para o inglês da *História do descobrimento e conquista da Índia*, de Fernão Lopes de Castanheda em 1582, com segunda edição cinco anos depois. Um outro autor português, o padre Fernão Cardim, vindo do Brasil e, tendo-se deslocado a Roma, é raptado, na viagem de regresso, por piratas ingleses; sendo libertado em 1603, após a confiscação de alguns dos seus bens, entre os quais se encontravam dois dos seus manuscritos sobre o Brasil, que foram traduzidos para a língua inglesa e introduzidos na colectânea *Purchas his Pilgrimage* (1625). Também António Galvão publica, em 1536, *O Tratado dos Descobrimentos* que é objecto de tradução para o inglês por Richerd Hakluyt em 1601. Esta mesma obra é reimpressa numa edição bilingue, em 1862, pelo vice-almirante Bethune para a Hakluyt Society. O tradutor classificou Galvão de "fundador da geografia histórica". Cf. Ruy d' Abreu Torres «Galvão, António», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, 1992, p. 98.

³ De acordo com Isabel Lousada, *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica...*, 1998, p. 113, a primeira tradução do romance para português é realizada por Henrique Leitão de Souza Mascarenhas, a partir do francês: "*Vida e Aventuras Admiráveis de Robinson Crusoe, que contem a sua tornada á sua Ilha, as suas novas viagens, e as suas reflexões*". Trad. da lingua franceza por [Henrique Leitão de Souza Mascarenhas 1753-?]. Lisboa; Off. Francisco Borges de Souza, 1785-86, 4 vols (...). Para referências a outras traduções para português do romance veja-se este mesmo trabalho.

⁴ Guy Pocock questiona, na introdução à edição de *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* (1972, p. xi), a razão pela qual a primeira parte das aventuras é um sucesso mundial e a segunda parte praticamente desconhecida: "The reason is the (...) appeal to individuality [of the novel]". Individualidade esta que acaba no final das primeiras aventuras. Em 1720, Defoe publica ainda *Serious Reflections during the Life and Surprising Adventures of Robinson Crusoe with his vision of the angelic world*; a terceira parte dessas mesmas aventuras.

⁵ Na Época Isabelina, já Lisboa gozava de uma fama e estatuto únicos. Cf. A. L. Rowse, *The Elizabethans and America*, 1959, p. 2: "(...) the excitement of Lisbon, where the riches of the East were unloaded down there by the quays at Belem (...)".

Gulliver's Travels (1726), onde mais uma vez as façanhas marítimas e o “saber de experiência feito” do argonauta luso são tópicos recorrentes, embora não tanto quanto nos romances de Defoe. Talvez porque enquanto Robinson viaja para o isolamento de um mundo com referentes reais, Gulliver deambuleia por mundos fantásticos, contactando com os navegadores portugueses apenas para regressar à Europa. *Robinson Crusoe* e *Gulliver's Travels* são obras frequentemente interpretadas comparativamente, pelo que nos pareceu mais que justo analisá-las também através do método analógico, tendo em mente a presença portuguesa nesses mesmos romances.

Analisaremos, ao longo do presente artigo, as representações que os referidos autores nos apresentam do Português enquanto navegador, homem de negócios e até rival; num período em que a Grã-Bretanha era já a grande potência económica e colonial mundial. Recorreremos também a algumas referências de viajantes-autores portugueses sobre navegadores ingleses, que com estes se cruzam pelos quatro cantos do globo, em ambientes exóticos. Imagens recíprocas de duas nações que desejavam, cada vez mais, estender os seus domínios. As personagens portuguesas, movendo-se num oceano de fantasias, fazem parte do imaginário e simbologia dos romances acima referidos. Tornam-se, assim, uma presença recorrente em inúmeras narrativas de viagens fictícias, a par dos espanhóis, holandeses e franceses; conferindo a essas mesmas narrativas uma maior verosimilhança. São, portanto, raros os estudiosos da Obra de Defoe, e até de Swift, que não mencionam Portugal ou os seus feitos marítimos.

Robinson Crusoe afirma, no início da narrativa, que as suas aventuras se devem ao facto de ter deslizado “gently through the world, and sensibly testing the sweets of living (...) and learning by every day's experience (...)”, sintetizando “I had a mind to see the world”,⁶ curiosidade esta também exacerbada pela literatura portuguesa de viagens. Robinson parte, então, para África, numa viagem que o transforma num navegador-mercador e despoleta toda a acção do romance. Na sua segunda viagem é capturado por um barco inimigo e feito prisioneiro em Salé.⁷ Desde então,

⁶ Cf. Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, 1994, p. 10 e 21, respectivamente.

⁷ Cidade de Marrocos e um dos únicos pontos na costa Atlântica onde os portugueses não pretenderam estabelecer-se. Desde o século XVI, abundavam descrições de cativos cristãos que haviam permanecido na Berberia. João Luís, um elche de Lisboa, capturado por um navio inglês, cujo comandante atacou os Turcos, afirma que “[os ingleses] se apoderarão dos turcos dos quaes estava o

o cativo inglês anseia pela visão de um barco europeu, fugindo para as proximidades do arquipélago de Cabo Verde: "I knew that all ships from Europe which sailed either to the coast of Guinea or to Brazil or to the East Indies ⁸ made this cape or those islands". ⁹ Mais tarde, é salvo por um barco português que transporta já a bordo um marinheiro escocês. O comandante do tão esperado "Portugal Man-of-war" informa Robinson que este irá para o Brasil, destino da embarcação que este último pensava vir buscar escravos guineenses. O novo tripulante, apesar de ainda não falar português, distingue-o do castelhano e do francês. O problema da comunicação entre europeus e nativos estende-se também, como podemos verificar, aos diferentes povos europeus que partilham os mares.

O campo semântico que envolve Portugal, ao longo de diversas obras de Defoe, começa, então, a ser delineado quando Crusoe descreve o comportamento do comandante do barco através de um sugestivo advérbio de modo: "(...) he **generously** told me (...)". ¹⁰ Não foi apenas o alívio e a segurança que o levaram a fazer tal afirmação, pois ao longo de toda a obra esse mesmo comandante será venerado pelas suas virtudes humanas e morais, bem como pela sua expressa caridade: "No, no, Seignior Inglese", says he [Mr. Englishman], "I will carry you thither in charity (...)". ¹¹ O comandante é ainda descrito como sendo um homem compreensível e justo, e mais adiante como bom e honesto. São vários os adjectivos para caracterizar o "Portuguese Captain" que aconselhará sabiamente o narrador, ao longo de toda a obra. Robinson, que critica o esclavagismo, acaba por lhe vender Xury, o seu amigo-escravo sob a condição de que o

inglez escandallizado do mau trato que lhe derão em Salé cativo e dezião que trazião ordem del rey de Inglaterra pera deittarem ao mar todos os turcos e mouros que achassem por lhe terem em Argel cortado os braços e queimado huns capitães ingleses e flamengos." Cf. *Inquisição de Lisboa*, proc. 2537, A.N./T.T. *Apud* Isabel Drumond Braga, *Entre a Cristandade e o Islão*, 1998, p. 53. Perante as inúmeras descrições de europeus cativos em Salé não seria difícil a Defoe descrever as desventuras de Robinson na Berberia.

⁸ Destinos portugueses por excelência.

⁹ Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 33. Também num outro romance de Defoe, *Colonel Jacques* (1722), são referidas as ilhas de Cabo Verde (p. 176). Quanto à presença indesejada de ingleses no Brasil, o Padre Francisco Soares, na sua obra *Coisas Notáveis do Brasil* (1590), 1989, p. 181, afirma que foi pescado um tubarão, que ao ser aberto, tinha na barriga "uma meia calça de um inglês, e foi que, indo aí ingleses à Baía, uma nossa embarcação arremeteu a uma sua lancha e a meteu no fundo e matou seis ou sete dos ingleses, e quatro ficaram vivos, e de algum daqueles foi a perna que se achou na barriga do tubarão (...)".

¹⁰ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 37.

¹¹ *Idem, ibidem*.

comandante o liberte daí a dez anos se ele se converter num bom cristão, aderindo, igualmente, a esta prática.

A caravela portuguesa chega finalmente ao Brasil: “We (...) arrived in the Bay de Todos los Santos, or All Saints’ Bay (...)”.¹² O narrador tem o cuidado de referir o nome da Baía em português — língua que confunde com o castelhano —, traduzindo, de seguida, o topónimo para inglês. A língua portuguesa, um elemento, até certo ponto exótico, é, desta forma, adicionado ao rol de notas etnográficas e descrições da alteridade que se apresentam aos olhos do *homo viator* ainda no século XVII.

Uma vez no Novo Mundo, e tratando dos seus negócios com Londres através de Lisboa, Robinson Kreutznaer aprende, com a experiência dos portugueses, a plantar canas-de-açúcar e a trabalhar com o “ingenio, as they call it (...)”.¹³ Perante a evidente riqueza dos colonos, decide permanecer no Brasil e tornar-se dono de uma plantação em terras de fronteira, tendo como vizinho “a Portuguese of Lisbon, but born of English parents (...)”,¹⁴ e, que, tal como ele, planta tabaco e açúcar; os produtos dos dois grandes ciclos económicos do Brasil. Robinson, natural de uma nação protestante, onde a burguesia se torna cada vez mais forte, adere ao capitalismo comercial: “I might have been (...) one of the most considerable planters in Brazil (...). If I had stayed, I might have been worth a hundred thousand moidores”.¹⁵

O novo empresário tenta mesmo subverter o monopólio régio português quando embarca com outros donos de plantações rumo a África, para adquirir escravos pelos seus próprios meios, enquanto comercializa produtos ingleses por terras de Vera Cruz. Crusoe aprende com a experiência dos portugueses, acabando por tirar um enorme partido desta, o que não admira

¹² *Idem, ibidem*, p. 38. Também Thomas More, em *Utopia*, coloca a sua personagem Rapahel Hitlodeu ao largo da costa brasileira. Rafael viajara com Americo Vespucci “but on the last voyage, he did not return home with the commander (...) he got Amerigo’ s permission to be one of the twenty-four men who were left in a fort at the farthest point of the last voyage.” De acordo com Robert M. Adams, *Thomas More. Utopia*, 1975, p. 7, este ponto final da viagem de Rafael situa-se no Brasil (Cabo Frio, nas proximidades do Rio de Janeiro).

¹³ *Idem, ibidem*. Na página 275 Robinson volta a repetir esta mesma expressão: “(...) ingenio (so they called the sugar house) (...)”. Este *they* tem como referente os falantes de língua portuguesa no Brasil.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 39.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 191. *Moidores* eram moedas portuguesas de ouro de valor idêntico ao *doubloon* espanhol. De acordo com Shiv K. Kumar, na introdução de *Captain Singleton* (p. 279), o *moidore* era moeda corrente na Inglaterra, na primeira metade do século XVIII, tendo este termo sobrevivido, até mais tarde, como designação da soma de vinte e sete *shillings*, valor aproximado do *moydore*.

sendo, como já referimos, um inglês protestante.¹⁶ Robinson, após quatro anos no Brasil, aprende a língua portuguesa¹⁷ e relata aos colonos seus vizinhos o quão fácil é adquirir, por conta própria, escravos na Guiné, em troca de produtos como tesouras e facas; objectos também enumerados em diversas referências ao comércio com os nativos brasileiros, na literatura portuguesa do século XVI sobre a colonização do Brasil.¹⁸ Se o grupo de colonos o decide fazer é, segundo refere o narrador, devido aos altos preços praticados no mercado de escravos, através dos *asientos* ("or permission, of the kings of Spain and Portugal").¹⁹ Defoe demonstra conhecer as políticas das coroas ibéricas em relação à exploração das riquezas ultramarinas, tal como a prática da antropofagia ritual dos nativos e ainda topónimos brasileiros como o Cabo de Santo Agostinho²⁰ e a ilha de Fernando Noronha.²¹ Este último mercador participou no primeiro arrendamento do tráfego do Brasil (*asiento*). A ilha de S. João é-lhe doada por D. Manuel em 1504, recebendo, posteriormente, o nome do seu proprietário.²²

¹⁶ Cf. Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Editorial Presença, Lisboa, 1983.

¹⁷ É na língua portuguesa que Robinson utilizará diversos termos ao longo da sua narrativa. A título de exemplo referimos *mullato* (p. 148). Quer Singleton quer Lemuel Gulliver aprendem e falam português. S. B. Liljegren, na sua obra *Studies on the Origin and Early Tradition of English Utopian Fiction*, 1961, p. 23, enumera várias fontes portuguesas que influenciaram a literatura inglesa: "Is is not possible to unravel the different parts by Portuguese and Spanish conceptions as to this island [Antilha]. Whether the Portuguese were earlier in the field, and created the legend (...) we have no possibility of deciding. In any case, we find that the Portuguese claim that they had early discovered the island, and that it was peopled by them, and that **the population spoke the Portuguese language**" (negrito nosso). A língua portuguesa é, então, falada nos vários campos do globo, inclusive em terras de localização desconhecida.

¹⁸ Por exemplo Gabriel Soares de Sousa, *Notícia do Brasil*, p. 60 e p. 220, respectivamente.

¹⁹ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 43. Os *asientos* eram contratos de arrendamento em regime de monopólio acordado entre a coroa e particulares, sendo a referência no romance relativa aos *asientos* de negros, que em sentido financeiro designavam os contratos de antecipação de fundos à coroa e que obrigavam esta ao reembolso do empréstimo e respectivos juros num prazo que poderia ir de um ano e meio a cinco anos, através de licenças ao contratante. Este último poderia gozar de facilidades em operações cambiais, do saque para a extracção de minério e do recebimento de ingressos fiscais nas colónias. Também Captain Singleton refere o tráfico negreiro que holandeses, ingleses, portugueses e espanhóis mantinham em África. (p. 133).

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 45. Província de Pernambuco, próximo do Recife. Este Cabo é também referido em *Farther Adventures*, p. 339. Defoe utiliza recursivamente topónimos do ultramar português, que contextualizam a acção dos romances.

²¹ *Idem, ibidem*.

²² Cf. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva, s. v «Fernando Noronha», in Joel Serrão (dir.), *op.cit.*, 1992, p. 400. A mesma autora refere, ainda na

Durante a viagem para a Guiné, em busca de mão de obra africana, o navio naufraga em 30 de Setembro de 1659, sendo Robinson o único sobrevivente da tripulação, encontrando-se numa ilha desconhecida e deserta, desgraça esta que o faz arrepender-se, mais tarde, de ter violado a lei do *asiento*, imposta pela Coroa portuguesa no Brasil. Já na ilha, e ao regressar à nau para recuperar mantimentos, que o ajudarão a sobreviver, descreve a alimentação dos navegadores portugueses e encontra, entre outras coisas, “some Portuguese books, also and among them two or three Popish prayer-books”.²³ Já na solidão da sua exótica ilha, que compara por dissemelhança à Europa e ao Brasil, Crusoe condena a “seafaring wickedness”, sentindo-se, no entanto, agradecido ao “Portugal Captain” que o levara da África para o Brasil, onde ele aprende, com os gentios, a trabalhar a madeira e a construir chapéus para se proteger do sol, técnicas estas que se tornam de enorme valor no inóspito ambiente da ilha. Mais uma vez, os portugueses são agentes de mudança no rumo da vida de Robinson. No entanto, e inserindo na sua obra um dos tópicos recorrentes da literatura de viagens portuguesa — o *primus inventor* —, o narrador eleva-se a um estatuto superior ao dos portugueses, no que diz respeito a façanhas marítimas: “I should have begun the maddest voyage and the most unlikely to be performed that ever was undertaken”.²⁴ O solitário inglês critica também a cruel acção dos cristãos europeus no Novo Mundo em relação aos nativos; e, se somos levados a pensar, através das palavras de Robinson, que este usufrui de um estatuto moral superior aos ibéricos, o primeiro, ao encontrar Friday, educa-o, qual Prospero, para o transformar no seu escravo pessoal, qual Caliban.

Se na Europa colonizadora as vozes de humanistas se levantavam contra a escravatura e a exploração dos povos nativos, os interesses políticos e económicos falam mais alto, como o próprio narrador o demonstra. Também Robinson veste o corpo nu de Friday ao tentar convertê-lo, tal como os Jesuítas e as Ordens Mendicantes fazem no Brasil.²⁵ Dilata-se a fé e o império, e com

mesma página, que “a 26 de Agosto de 1506 o mesmo rei concedeu-lhe o uso de um brasão de armas, obtido em **Inglaterra** pelos seus ascendentes, que no século XV aí teriam vivido” (negrito nosso).

²³ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 67. Referência pejorativa à religião católica, introduzida no Brasil por missionários portugueses.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 127. Em *Os Lusíadas*, o tópico dos modernos *versus* os antigos (V, 86-89; IX, 90), bem como o do *primus inventor* (I, 27; IV, 76) marcam presença constante.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 203 e p. 212, respectivamente. Quando Robinson avista um grupo de europeus, prestes a serem mortos por indígenas nus, o vestuário

sucesso, como verificamos no romance-sequela destas primeiras aventuras, *The Farther Adventures*.

Ao longo da sua estada na ilha, enquanto apresenta algumas anotações etnográficas sobre o seu domínio e as gentes canibais que o visitam, Robinson anseia, pela segunda vez, que um barco “cristão” o aviste e o salve da selva, tal como os portugueses haviam feito anos atrás, na costa africana. Também noutras narrativas em que o exótico impera, o “cá” cristão é contraposto ao “lá” estranho e desconhecido; os portugueses são considerados mediadores por excelência dessas duas esferas civilizacionais. Ao encontrar Friday, também este último olha para Crusoe como um ser exótico, construindo-se, assim, uma teia de representações mútuas, embora filtradas pelos conceitos mentais do europeu que narra os acontecimentos, por vezes em tom de desabafo maneirista. Um dos episódios, que relata o confronto de olhares entre os dois homens, recorda-nos o encontro dos portugueses com os japoneses, no século XVI. Perante o estrondo da pólvora na espingarda do europeu, Friday demonstra a sua admiração: “But that which astonished him [Friday] most was to know I had killed the other Indian so far off”.²⁶ Também um dos selvagens do grupo que Robinson matou demonstra o seu espanto e medo: “The poor savage who fled (...) was so frightened with the fire and noise of my piece”.²⁷

Como as gravuras coevas e as narrativas o demonstram, também a chegada dos *namban* espanta os japoneses, especialmente a espingarda, que, introduzida pelos portugueses no Japão, revoluciona as lutas de poder que então se tratavam por terras do Sol nascente. Tal como para os índios brasileiros e para as civilizações africanas, japonesa e chinesa, também para Friday a barba do europeu é uma das características distintivas dos seus traços exóticos. O companheiro de Robinson afirma que a Oeste do seu país habitam “white bearded men”,²⁸ tal como o seu amo, que sobrevivia na ilha há vinte e seis longos anos. Nesse grupo de dezassete náufragos, à mercê dos aborígenes, encontram-se quatro portugueses que permanecem, mais tarde, na

distinguirá os europeus: “(...) he was a European and had clothes on” (p. 213). Também o comandante Singleton confronta o nu dos nativos africanos à necessidade do vestuário por parte dos europeus (Cf. *Captain Singleton*, p. 122 e p. 131, respectivamente) Gulliver faz igualmente essa distinção, ao afirmar que os navegadores portugueses que o descobrem sabem que ele não poderá ser nativo daquelas partes, pois estes andam nus (Cf. *Gulliver's Travels*, p. 306).

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 200.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 199.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 212.

ilha como primeiros povoadores da mesma, e a quem se juntam, posteriormente, três mulheres também portuguesas que Robinson recruta no Brasil, quando das suas *farther adventures*.²⁹ Ao derrotar e afugentar os canibais que se preparam para matar alguns dos europeus, Robinson tenta, ignorando a nacionalidade do “branco”, comunicar com este falando português, língua, decerto, comum naquelas paragens: “I lifted him up and asked him in the Portuguese tongue what he was. He answered in Latin “christianus”. (...) and said, ‘Espagniole’(...)”³⁰ É esse o nome pelo qual esta personagem é designada até ao fim do romance. Talvez porque a convivência entre três pessoas não exija a necessidade da instauração de nomes próprios, embora Friday possua o seu. Ou talvez ainda porque, sendo Robinson o “dono” auto-proclamado da ilha, e todos os outros seus súbditos, o termo “Spaniard” cumpra eficazmente as suas funções, relegando o segundo europeu na ilha para o plano de “ninguém”, como acontecera, embora por motivos diferentes, com Ulisses perante Polifeno na *Odisseia*³¹ e com o Romeiro em *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.³² Situações em que ambas as personagens respondem que são e se chamam “ninguém”, com o intuito de nunca serem reconhecidos.

Robinson acabará, ao encontrar outros europeus na sua ilha, por recuperar um barco que alguns marinheiros revoltosos haviam tomado ao comandante. Este oferece ao seu salvador como recompensa “six large bottles of Madeira wine; the bottles held two quarters apiece (...)”.³³ O vinho da Madeira faz, portanto, parte do primeiro manjar europeu que Robinson poderá comer na sua ilha. Podemos, então, induzir o valor e o apreço pelo vinho da Madeira na Inglaterra desde a Época Isabelina. Neste romance, tal facto é veículado através da minuciosa descrição do volume das garrafas. Em relação à importância do vinho do Porto, cuja importação para Inglaterra aumentou consideravelmente em 1680, refira-se que o Tratado de Methuen fora assinado dezasseis anos antes da edição de *Robinson Crusoe*, assunto

²⁹ Cf. Daniel Defoe, *Farther...*, p. 341. Para além das mulheres portuguesas, Robinson recruta ainda um “Portugal man”, mestre dos trabalhos com o engenho.

³⁰ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 231. Mais uma vez encontramos presente a distinção entre cristãos e não cristãos; diferença essa que marca a distância civilizacional entre o Eu e o Outro.

³¹ Homero, *Odisseia*, p. 103.

³² Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, 1987, II, xv, p. 129.

³³ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 268.

esse que levou Defoe a escrever sobre as relações comerciais entre a Grã-Bretanha e Portugal em diversos textos.³⁴

Em dezanove de Dezembro de 1686, Robinson abandona a sua ilha, chegando à Inglaterra no ano de 1687, após trinta e cinco anos de ausência, devido à sua permanência exclusivamente em colónias portuguesas, à excepção da ilha. Fala-nos, então, de um seu sobrinho que mais tarde o convidará para *farther adventures*. Pouco tempo permanece na sua terra natal sem que os antigos negócios no Brasil o forcem a deslocar-se a Lisboa, que ao longo de todo este romance, bem como de *The Farther Adventures*, funciona como ponte entre o Brasil e a Inglaterra, bem como o resto da Europa. Fâ-lo na companhia do seu amigo e companheiro de viagens, Friday; chegando no mês de Abril para aí permanecer uns dias. De Lisboa parte para uma curta viagem na companhia de um velho e saudoso amigo³⁵:

³⁴ Cf. Geoffrey M. Sill, *Defoe and the Idea...*, 1983, pp. 37-39. O autor refere as teorias que Defoe, "a disinterested historian of the Portuguese trade", defende nas suas obras *A General History of Trade* (1714) e *Some Thoughts Upon the Subject of Commerce with France* acerca do comércio da Inglaterra com Portugal: "The balance of trade with Portugal was not nearly as favorable to England as Defoe had been led to believe it was by his opponents in the debate." (p. 38). De acordo com Sill, Defoe refere o apreço dos seus conterrâneos pelos vinhos do Porto de sabor mais forte. Nessas mesmas obras, Daniel Defoe refere os negócios de Portugal no Brasil, afirmando que Portugal necessita da Inglaterra mais como credora para poder continuar esses mesmos negócios do que para escoar a sua produção de vinho do Porto. Durante a investigação para escrever as obras atrás referidas, e também através dos seus artigos em jornais ingleses, Defoe poderá ter recolhido muito do material informativo que utilizou para escrever *Robinson Crusoe*. Maximilliam Novak afirma isso mesmo na sua obra *Realism...*, 1983, p. 26: "Some of those items had a simple and direct influence on his writing,". Novak cita, de seguida, um artigo de Defoe no jornal *Weekly Journal* (7 de Fevereiro de 1719, p. 56), em que o jornalista anuncia um novo esquema de colónia inglesa próximo do rio Orinoco, onde Robinson Crusoe viria a naufragar: "We expect, in two or three Days, a most flaming Proposal from the South Sea Company, or from a Body of Merchants who claim kindred of them, for erecting a British Colony (...) upon the Terra firma, or the Northermost Side of the Mouth of the Great River Oroonoko (...) and they doubt not to carry on a Trade there equal to that of the Portuguese in the Brazils, and to bring home an equal quantity of Gold (...)". Os locais referidos por Defoe no seu artigo estão presentes na sua narrativa-ficção, provando o reaproveitamento de material que ele trabalhou enquanto propagandista da colonização.

Em relação ao apreço pelo vinho português em Inglaterra, já nos séculos XIV-XV, obras literárias como o poema anónimo *The alliterative Morte Arthure* (c. 1400) refere os "Portyngale wyne" (Cf. edição crítica de Valerie Krishna, verso 1028, 1976, p. 68).

³⁵ A expressão utilizada por Robinson para descrever o comandante português "ancient friend" (p. 275), nem que se de apenas uma coincidência se trate, não deixa de nos recordar a aliança luso-britânica, considerada a mais velha do mundo, especialmente, quando o diálogo é mantido entre um português e um inglês, e sendo o romancista também autor de obras onde tenta historiar as relações (comerciais) de ambos os países, como atrás referimos.

“When I came to Lisbon, I found out, by inquiry, and to my particular satisfaction, my old friend the captain of the ship, who first took me up at sea off of the shore of Africa.”³⁶

Se *Robinson Crusoe*, o primeiro romance inglês, é considerada um marco na história da literatura inglesa pelo seu pendor realista,³⁷ é-o também pela verosimilhança gerada pelas descrições da presença dos portugueses nos mares e as viagens de Robinson por possessões portuguesas e até pela metrópole do império. Em Lisboa, Crusoe compra uma grande variedade de tecidos internacionais.³⁸ Trata-se de locais e mercadorias que fazem parte do imaginário do leitor inglês contemporâneo de Defoe, a quem ele se dirige diversas vezes durante a obra.³⁹ É através do “Portuguese Captain”, mais uma vez honesto, que Robinson descobre que poderá reclamar a sua fortuna, excepto o dinheiro atribuído pela Coroa portuguesa para a conversão de gentios brasileiros. A descrição que faz do rumo que o seu dinheiro levou todos estes anos no Brasil, e dos trâmites a seguir para o recuperar, espelham a ordem política do Ultramar português e a aliança de esforços da Coroa e do Clero na conversão dos nativos, aludindo à expansão das ordens religiosas para o Novo Mundo com o intuito de espalhar a fé cristã; para a qual ele, sendo protestante, contribui, sem opção.

Perante a bondade e honestidade do comandante português, Robinson não consegue esconder a sua emoção e lágrimas, confessando: “I was too much moved with the honesty and kindness of the poor man (...) I could hardly refrain weeping at

³⁶ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 273.

³⁷ Cf. J. R. Hammond, *A Defoe Companion*, 1993, p. 67: “Robinson Crusoe occupies an important place in literary history as the first English novel and forerunner of the realist tradition continued by Fielding and Dickens. (...)”

³⁸ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 281: “(...) some Italian silks (...) with two pieces of fine English broadcloth, the best I could get in Lisbon, five pieces of black baize, and some Flanders lace of a good value.” Portugal importava estes mesmos tecidos, nomeadamente da Inglaterra, como informa Duarte Ribeiro de Macedo, na sua obra *Discurso...* (1675), 1934, p. 243: “(...) Os Ingleses só em três géneros: baetas, panos, e meias de sêda e lâ, metem no Reino uma fazenda inestimável.”

³⁹ A título de exemplo referimos dois momentos em que o narrador se dirige ao leitor: “I have not given the reader the trouble (...)” (p. 115); “You are to understand that (...)” (p. 150). Em *Captain Singleton*, o narrador fala igualmente com o leitor (p. 66). Também Gulliver, enquanto narrador, se dirige ao “gentle reader” (p. 311) para aproximar este último das suas aventuras, conferindo à sua narrativa uma maior verosimilhança. Tal facto poderá ser estudado à luz da teoria do “horizonte de expectativa” do leitor, de Wolfgang Iser (*The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*).

what he said to me.”⁴⁰ Crusoe, em terras portuguesas, recomenda o comandante e parte para o Brasil com a ajuda deste; não sem antes dar ao leitor uma esquiva imagem do intenso movimento dos barcos no rio Tejo: “(...) there were ships in the river of Lisbon just ready to go away to Brazil (...)”.⁴¹ Recupera o seu “estate” no Brasil e a sua fortuna, que apresenta em moedas portuguesas (“moidores”, “crusadoes”), afirmando que tinha subido a escada de Job: “I might well say now, indeed, that the latter end of Job was better than the beginning”.⁴² Tal facto deve-se à bondade da personagem portuguesa que quer no início quer no final da obra despoleta os acontecimentos que transformam para sempre a vida de Robinson e lhe possibilitam as suas *farther adventures*. Daí uma última imagem do comandante, na extremidade positiva da escada de Job: “My old patron, the captain, indeed was honest, and that was the only refuge I had.”⁴³ Crusoe deixa, então, a cidade de Lisboa rumo a Inglaterra, viajando, também por terra, na companhia de vários outros mercadores ingleses que tinham o seu negócio e moradia em Lisboa.

Ao viajar para fora da Europa, o navegador inglês fá-lo sempre via Lisboa, local de negócios e⁴⁴ plataforma-cruzamento de navegações marítimas. Regressando a casa, Robinson Crusoe parte, então, em 1694, a convite do sobrinho, para as Índias Orientais, onde também Portugal impera. Viaja de um canto do globo para o outro, continuando a presença portuguesa a ser uma constante: “to farther adventures”⁴⁵ É durante estas novas

⁴⁰ Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 276.

⁴¹ *Idem, ibidem*. Também no romance *The Farther Adventures*, Robinson refere o rio Tejo: “but being forc’d into Lisbon by bad weather, the ship receiv’d some damage by running a-ground in the mouth of the river Tagus (...)” (p. 302). Desde o século XVI, eram frequentes as descrições de acidentes no rio Tejo devido a condições climatéricas, em diversas narrativas de viagens e naufrágios; algumas das quais traduzidas para inglês. Veja-se, por exemplo «A Viagem e naufrágio da nau ‘São Paulo’», de Henriques Dias, in Manuel Simões (ed.), *A literatura de viagens nos séculos XVI e XVII*, 1985, p. 102: “Pelo que logo ao outro dia, em Lisboa, foi comumente dito de todos que a nau **tocara** [encalhou, batera no fundo] que não havia de ir já este ano à Índia (...)”, acidente este semelhante ao que também Defoe descreve “(...) **running a-ground** in the mouth of the river Tagus (...)” (negrito nosso).

⁴² Cf. Daniel Defoe, *Robinson...*, p. 278.

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 279.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 296.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 297. Tal expressão remete para o título das próximas aventuras de Robinson Kreutzner, *The Farther Adventures*; onde, também no Oriente, os portugueses marcam presença. Acerca da presença mútua de portugueses e ingleses no Próximo Oriente, no século XVII, diz-nos José Nunes Carreira, *Outra Face do Oriente*, 1997, p. 25: “nem Ormuz nem o Comorão ofereciam mais o acolhimento e as despedidas afáveis que tão boa impressão

aventuras que o leitor continua a acompanhar a mais famosa personagem de Defoe, que atingiu já, segundo alguns autores, o estatuto de mito na civilização ocidental.⁴⁶ Assim sendo, Portugal faz, indiscutivelmente, parte desse mesmo mito, através de personagens, locais, produtos e até emoções expressas por Robinson Crusoe que, aos sessenta e dois anos, se encontra, tal como no início das suas aventuras, com sede de novas viagens. Uma das razões que apresenta para tal predisposição é a sua viuvez, após a qual o mundo perde sentido: “I was as much a stranger in it; in my thoughts, as I was in the Brazils, when I went first ashore there (...)”.⁴⁷ Podemos retirar deste desabafo algumas conclusões: a sensação de exotismo, ou “a estética do diverso”,⁴⁸ é um estado de mente, provocado pela estranheza do ambiente-Outro e pela alteridade que também agora Robinson sente “em casa”. Esse mesmo estado de espírito vai-se esbatendo com o tempo e a familiarização do *alter-mundus*. Crusoe sente, então, um enorme desejo de evasão, partindo para o mar em oito de Janeiro de 1694, levando consigo Friday, um ser humano exótico que viaja com europeus por outras paragens exóticas; acabando por ser assassinado por nativos, também eles exóticos. Podemos recordar de novo os biombos *namban*, nos quais, segundo o ponto de vista japonês, africanos fazem malabarismos empoleirados nas velas e cordas da Nau do Trato que chega pela primeira vez ao Japão. Três mundos exóticos em confronto de uma só e pela primeira vez.

Contactos obrigatórios são também os que embarcações europeias têm com os arquipélagos da Madeira e dos Açores; locais de reabastecimento de frotas de toda a Europa. Nos mares açorianos é frequente a presença de corsários⁴⁹ e navegadores ingleses que tiram partido da posição geográfica do arquipélago, como Crusoe refere: “ (...) he went on board, in order to sail to the Maderas; but the master of the Portuguese, being but an

havam deixado em Frei Gaspar. Fora-se a presença portuguesa, entretanto substituída por holandeses e ingleses”. O autor cita, para justificar a sua afirmação, a *Relação do Novo Caminho Que Fez Vindo da Índia para Portugal por Terra e Mar o Pe. Manuel Godinho* (1665): “As mais formosas casas que nele [Comorão] há são as dos holandeses e ingleses (...)”.

⁴⁶ Cf. J. Donald Crowley na introdução da sua edição de *Robinson Crusoe*, 1972, p. viii: “ (...) *Robinson Crusoe* is one of those rare works of fiction that have assumed the status of myth among us.”

⁴⁷ Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 225.

⁴⁸ Cf. Victor Segalen, *Essai Sur l' exotisme* 1999, p. 41.

⁴⁹ Sobre a actividade dos corsários ingleses na costa portuguesa veja-se Francisco Ribeiro da Silva, «O curso inglês e as Populações do Litoral Lusitano (1580-1640)», in *Actas do Colóquio “Santos Graça” de Etnografia Marítima — Povoamento e Administração — Aspectos Sociais*, vol. 3, Póvoa do Varzim, 1985.

indifferent mariner, had been out in his reckoning, and they drove to Fial [sic] ; where however, he happen'd to find a very good market for his cargo, which was corn and therefore resolv'd not to go to the Maderas (...).⁵⁰ As frequentes paragens das embarcações na Madeira, para reabastecimento, justificam a existência do vinho da ilha a bordo das naus europeias, tal como acontece na ilha de Robinson, que, na sua segunda viagem, não esquece o comandante português. O narrador transporta, assim, para esta obra a personagem que mais emoções lhe despertou quando das suas primeiras aventuras e que se torna, no conjunto destas aventuras, uma personagem omnipresente, nem que implicitamente. Não será, portanto, de estranhar que, perante o aparecimento de uma outra personagem portuguesa que, para além de lhe salvar a vida, o guia por toda a China, Robinson lhe confira o título de “comandante”, mesmo que este o não seja. O herói de Defoe não deixa, no entanto, de criticar indirectamente os colonos que exploram escravos afirmando que “perhaps a Portuguese is not much a better master than a Turk, if not in some cases a much worse.”⁵¹ Esta crítica dirige-se não apenas ao povo português, mas a todos os colonos que exploram povos cativos, pois ser escravo é tão degradante quando se tem um europeu por senhor como quando se tem um turco; talvez mais ainda no primeiro caso porque o europeu deveria seguir os princípios morais subjacentes à religião judaico-cristã. Daí que os ingleses e os holandeses sejam também alvos de críticas por parte do narrador.⁵² No entanto, também Robinson se torna dono da ilha em que naufragou, transformando Friday e os

⁵⁰ Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 302. Um outro herói de Defoe, o Coronel Jacque passa pelas *Maderas* (*Colonel Jacque*, p. 268), para além de mencionar a lei do “asiento” (p. 281). Também o comandante Singleton viaja pelo arquipélago diversas vezes, quando dos seus actos de pirataria (*Captain Singleton*, p. 173 e p. 260, respectivamente). As rotas de Robinson Crusoe e do comandante Singleton são também semelhantes às de navegadores ingleses como Drake. Este último passou por Lisboa em 1588, o que segundo o autor do Memorial de Pero Roiz Soares “foi causa de aver muito medo na cidade”. *Apud* Joaquim Veríssimo Serrão, s.v «Drake, Francis», in Joel Serrão (dir.), *op.cit.*, vol. II, p. 339-340. A descoberta da ilha da Madeira foi disputada com os portugueses pelos ingleses, baseando-se estes últimos na lenda de Macham/Machim para reivindicar a descoberta do arquipélago. Cf. Richard Hakluyt, *Voyages...*, 1982, p. 46. Macham terá fugido com a sua amada Ana d' Arcy, tendo dado à costa na actual Baía de Machico; onde Ana veio a falecer. Tendo Macham viajado para África e, posteriormente, para a Europa, terá relatado a sua história, relato este que levará os portugueses até à ilha da Madeira. De acordo com João Cabral do Nascimento, «Machim, Lenda de», in Joel Serrão, *op. cit.*, vol. IV, p. 120: “a veracidade da história está de novo a ganhar terreno”.

⁵¹ Cf. Daniel Defoe, *Farther...*, p. 238.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 375.

outros europeus em “súbditos”; ilha essa que agora visita, encontrando-a povoada em três locais diferentes. Ao conversar, em português, com o espanhol que ficara na ilha, este último sublima a coragem e eficiência dos ingleses, em detrimento dos portugueses e sobretudo dos seus conterrâneos, espelhando estereótipos ainda actuais sobre os povos do Norte e do Sul da Europa.

“He told me it was remarkable that Englishmen had a greater presence of mind in their distress than any people that ever he met with; that their unhappy nation, and the Portuguese, were the worst men in the world to struggle with the misfortunes; for that their first step in dangers, after the common efforts are over, was always to despair, lie down under it, and die, without rousing their thoughts up to proper remedies for escape.”⁵³

Quer na ilha de Robinson quer nas Índias Orientais, a missão é referida pelo narrador, diversas vezes ao longo destes dois romances,⁵⁴ evangelização essa levada a cabo pelos

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 293.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, pp. 307 e 329, respectivamente. Na página 340, Robinson descreve também a acção da Inquisição por terras do Brasil, actividade essa inexistente na Inglaterra protestante. Gulliver vê-se igualmente forçado a cobrir as suas exóticas vestes ao chegar a Lisboa, escondendo-se na casa do comandante português, Pedro de Mendez, evitando, assim, “[the] danger of being imprisoned, or burnt by the *Inquisition*” (Jonathan Swift, *Gulliver’s Travels*, p. 309). O tribunal do Santo Ofício é, portanto, uma forma de assimilar o Outro, expurgando-o de qualquer exótica “heresia”. Também Bob Singleton descreve os problemas que tem com a Inquisição em Goa e de como a religião nada significa para ele (pp. 9-10). Uma das formas de identificar estranhos por todo o mundo é, portanto, através da sua religião. Daí que quando a tripulação de comandante Singleton encontra um holandês no Ceilão, lhe pergunte: “(...) art thou a Christian or a Heathen, or what we call a **Renegado**?” (*Captain Singleton*, p. 273, negrito nosso). O resgate de cativos cristãos em poder dos muçulmanos fez também parte das relações luso-inglesas, ao longo dos mares e dos tempos. No cabo de São Vicente, Domingos Rodrigues, natural da Irlanda «embarcou-se na sua terra num navio francês com destino a Cádiz, no intuito de “aprender a lingua d’ Espanha pera ser mercador” [Cf. *Inquisição de Lisboa*, proc. 1100, A.N./T.T.]. Porém os Turcos alteraram-lhe as intenções». Cf. Isabel Drumond Braga, *op. cit.*, p. 33. Muitos destes cativos em terras muçulmanas acabavam por renegar a fé cristã, tornando-se Renegados, desculpando-se, quando resgatados por portugueses e julgados pela Inquisição, que o haviam feito devido ao uso dos ferros e sacrifícios a que os inimigos os forçavam. João Pieres, de Inglaterra, afirmou perante o Tribunal da Inquisição de Lisboa que “nam querendo elle confitente o tomarão quatro turcos e tendo-o forçosamente o circuncidarão entanto que forcejando elle o ferirão fora da circuncisão e ainda tem os sinais.” Cf. *Inquisição de Lisboa*, proc. 10272, A.N./T.T. *Apud* Isabel Drumond Braga, *op. cit.*, p. 110. A mesma autora questiona também, na página 151, a cooperação dos Trinitários Ingleses com os seus congéneres portugueses, no que diz respeito

Jesuítas e Ordens Mendicantes no Brasil, território que fornece mantimentos aos colonos da ilha que Robynson agora visita apenas pelo prazer de viajar: “Never ship came to this part that had less business than I had (...)”.⁵⁵ Esse interesse deve-se ao facto de o narrador ser já um homem rico, embora acompanhe o seu sobrinho, que o faz por dinheiro. O próprio Robynson manterá, mais tarde, relações comerciais com mercadores e comerciantes japoneses e chineses. Antes de o fazer, volta a passar pelo Cabo da Boa Esperança, dobrado pelos Portugueses: “From the Brazil, we made directly away over the Atlantick Sea, to the Cape de bon Esperance, or as we call it, the Cape of Good Hope (...)”.⁵⁶

Durante essa mesma viagem, a tripulação inglesa recruta homens portugueses (“three Portuguese fore-mast men”),⁵⁷ passando ao largo de várias possessões portuguesas no Oriente, nomeadamente Macau.⁵⁸ Robynson hesita quanto ao destino da sua viagem no Sul da China, confessando: “my partner seeing me thus dejected (...) began to encourage me; and describing to me the several ports of that coast, told me he would put in on the coast of Cochinchina, or the Bay of Tonquim, intending to go afterwards to **Macao, a town once in the possession of the**

ao resgate de cativos europeus. Sobre este mesmo tema veja-se também o estudo de Luís Miguel Duarte, «Aspectos Menos Conhecidos das Relações entre Portugal e a Inglaterra na Segunda Metade do século XV», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época: Actas*, vol. 3, Universidade do Porto/C. N. C. D. P., Porto, 1989.

⁵⁵ Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 339.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 343. Mais uma vez, Robynson fala português, embora “à sua maneira”.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ Relativamente a Macau, o *Oxford English Dictionary* (vol. IX, 1989, p. 149) apresenta a seguinte definição “a Portuguese settlement on the coast of China, noted for gambling”, sendo também esse o nome de um jogo de cartas apreciado por terras britânicas. Como referências a este jogo, na literatura inglesa, temos em 1778, na obra de Earl Malmesbury, *Diaries and Correspondence*, I. p. 179, a anotação “Macao (a game much in vogue here at present)”. Em 1783, Horace Walpole menciona também o facto de as mulheres inglesas gostarem deste jogo social, que é notícia de revistas de clubes e, inclusive, do jornal *Times* (11/07/1883). O jogo em Macau remonta ao início da permanência portuguesa no Território, devido à sua forma de povoamento e governo e também ao facto de tal prática ser proibida em Cantão. No século XVII a fama do jogo em Macau percorria as nações europeias, como podemos verificar através das referências acima citadas. Também o francês Jean Baptiste Tavernier refere esta prática em Macau, quando da sua visita ao Oriente, afirmando, no relato da sua terceira viagem, que o Ms. Du Belloy “souhaite qu'on le laissât aller a **Macao** (...) après avoir beaucoup gagné au négoce qu'elle recevoit assez bien les étrangers, qu' elle aimoit fort le jeu, ce Qui estoit la plus forte passion de du Belloy.” [Cf. Jean Baptiste Tavernier, *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier, écuyer baron d' Aubone, qu' il a fait en Turquie, en Perse et aux Indes...*, imprimée a Paris, 1712, pp. 143-144 (negrito nosso). Apud Ana Maria Amaro, «Jogos de cartas de Macau de tradição ibérica», in *Revista de Cultura*, n.º 23, 1995, p. 50].

Portuguese, and where still a great many European families resided, and particularly the missionary priests usually went thither, in order to their going forward to China”. ⁵⁹ Macau será mais tarde descrito pelo comandante como “part of the country where the English or Dutch ships come”, ⁶⁰ e, portanto, um local a evitar, devido ao perigo de ataques por parte de corsários.

Macau é, então, curiosamente, descrita por Robinson, como tendo sido, outrora, uma cidade na posse dos Portugueses. A cidade é igualmente descrita como residência de inúmeras famílias europeias, sendo a maioria dessas famílias portuguesas. Tal situação agrada a navegadores em terras longínquas e exóticas. As famílias europeias seriam como que uma reaproximação à Europa. A necessidade de esbater o exótico, associado ao perigo natural e humano dos mares, está, então, presente na mente do narrador. Um outro facto relevante ao longo da representação de Macau no romance é a imagem do Território como uma plataforma-cruzamento de missionários europeus que partem daí para toda a China. Perante tal referência, não podemos deixar de referir a imponência da Igreja da Imaculada Conceição, construída por volta de 1602, da qual vários relatos nos séculos XVII-XVIII — altura da escrita do romance — deixaram testemunho. A missão de religiosos portugueses é também referida nas obras em questão, ⁶¹ dando a conhecer ao leitor cristão a expansão da fé e do império, desde o Brasil às Índias Orientais. Robinson, ao sair da China, chega mesmo a distinguir o “cá” cristão do “lá” não cristão. ⁶² Macau, localidade onde os portugueses permaneceram como governantes até 1999, constitui, assim, para os navegadores europeus, um oásis de familiaridade, em que o exotismo antropológico se esbate através da convivência de diferentes culturas.

Continuando a sua viagem, e evitando encontrar barcos europeus, a tripulação inglesa chega à ilha Formosa e daí se dirige para um porto na costa chinesa, onde um velho piloto português lhes oferece os seus serviços como guia dos mares da

⁵⁹ Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 368 (negrito nosso). A. L. Rowse, na sua obra *The Expansion of Elizabethan England*, 1955, p. 199, afirma que o navegador inglês John Newberry viaja por Ormuz, na senda dos portugueses, fazendo amizade com o comandante do forte através de subornos; este último autoriza-o a viajar até Goa, “the chief link in the chain of Portuguese stations that controlled the trade along these coasts all the way to Macao in China.”

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 375.

⁶¹ Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 307.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 401.

China, que tão bem conhece. “Standing in for the shore, a boat came off two leagues to us, with **an old Portuguese pilot on board**, who knowing us to be an European ship, came to offer his service, which indeed we were glad of (...). I began talking with him about carrying us to the Gulph of Nanquin,⁶³ which is the most northern part of the coast of China. The old man said he knew the Gulph of Nanquin very well, but smiling, ask’d us what we would do there.”⁶⁴

No seguimento da conversa entre o piloto português e Robinson Crusoe, descobrimos em que porto asiático o barco deste último havia ancorado: “He told us our best port had been to have put in at **Macao**, where we could not have fail’d of a market for our opium to our satisfaction, and might for our money have purchas’d all sorts of China goods, as cheap as we could at Nanquin.”⁶⁵ O Português tenta persuadir o Inglês a negociar ali mesmo no porto de Macau e regressar a Inglaterra com enormes lucros. Entendemos, agora, o sorriso na face do piloto português ao interrogar a tripulação sobre os propósitos da ida a Nanquin, pois tenta convencer Robinson de que o negócio, quer da venda do ópio quer da compra de qualquer produto chinês, é melhor na “pérola do Oriente” do que em qualquer outro local da costa chinesa. O inglês responde negativamente: “Well, I said, **Seignior Portuguese**, but that is not our business now (...)”.⁶⁶

Após a conversa sobre piratas e “foras da lei” nos mares, o piloto português demonstra estar informado sobre os acontecimentos actuais quer na Ásia quer na Europa, sendo que os navegadores ingleses fazem uso desse mesmo “saber de expe-

⁶³ O “Gulph of Nanquin” é também referido no capítulo XXVI da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Obra esta que foi traduzida para o inglês por Henry Cogan Gent, em 1653, com reedições em 1663 e 1692. (Cf. Charles David Ley, *Portuguese Voyages 1498-1663*, 1953, p. 78.) Assim sendo, Daniel Defoe poderá ter tido acesso à tradução desta obra portuguesa, tal como a muitas outras que descrevem as viagens portuguesas pela costa da China.

⁶⁴ Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 373 (negrito nosso).

⁶⁵ *Idem, ibidem*, (negrito nosso).

⁶⁶ *Idem, ibidem*, (negrito nosso). A expressão em português (*Seignior*) torna-se, desde o primeiro volume das aventuras de Robinson Crusoe, uma fórmula para expressar quer uma maior verosimilhança quer um certo exotismo linguístico. Apesar de Robinson ter aprendido a falar português no Brasil, essa mesma língua era também de grande utilidade nos mares do Oriente. Cf. Dan O’ Sullivan, *The Age of Discovery...*, p. 23: “In the 1550s a profitable and exotic trade was set up which involved sending an annual carrack the famous Black Ship — from Goa to carry European goods to the Portuguese base at Macão, [sic.] where Chinese silks were loaded, to be in turn sold at Nagasaki, mainly in return for silver. The Portuguese were the first world-wide traders (...)”

riência feito”. A personagem de origem portuguesa informa ainda Robinson Crusoe que poderá comercializar directamente com povoações chinesas, sem o perigo de inimigos europeus atacarem o seu barco em “Quinchang, ⁶⁷ where the fathers of the mission usually landed from Macao, on their progress to teach the Christian religion to the Chinese, and where no European ships ever put in (...) at certain times they had a kind of a fair there, when the merchants from Japan came over to buy the Chinese merchandizes”. ⁶⁸ Mais uma vez, é referida a missionação na China a partir de Macau. O piloto português demonstra-se um conhecedor ímpar da costa chinesa e dos negócios que lá se fazem, estendendo-se esses conhecimentos ao Japão, tornando-se, por isso, amigo da tripulação inglesa. Este piloto recorda-nos o comandante português de *Robinson Crusoe*, pois também essa personagem salva o narrador na costa africana, levando-o para o Brasil, mostrando-se honesto e generoso sempre que o navegador inglês dele necessita. Na China, o piloto de Macau expressa igualmente a predisposição de viajar por todo o mundo na companhia dos ingleses, que o denominam “**my** never failing old pilot, the Portuguese”. ⁶⁹

O “Portugal pilot”, corajoso, proporciona à tripulação inglesa diversos contactos com navegadores japoneses, viajando, posteriormente, para Pequim, onde tem também amigos. Na capital da China “the Portuguese pilot, being desirous to see the court, we gave him his passage, that is to say, bore his charges for his company, and to use him as an interpreter, for he understood the language of the country, and spoke good French and a little English; and indeed, this old man was a most useful implement to us every where; for we had not been above a week in Peking, when he came laughing. ‘ Ah, seignior inglese’ (...).” ⁷⁰ O português, homem idoso, curioso e enérgico, é considerado pelos ingleses uma companhia valiosa e indispensável, uma vez que sabe de tudo e todos onde quer que esteja na China; e fala o latim, o português, o francês, o inglês e “a língua do país”. Sendo a língua falada em Pequim o mandarim, e a língua falada na zona

⁶⁷ Porto este que os chineses e japoneses pronunciam de forma diferente da do piloto português. Defoe faz, portanto, uma diferenciação fonética entre as três línguas e refere o facto de cada cultura ter o seu topónimo para o mesmo local. Cf. Daniel Defoe, *The Farther...*, p. 377.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 377. Na página 381 o narrador refere a presença de missionários portugueses na China, criticando os “Romish priests”, uma vez que o Protestantismo é a religião oficial inglesa.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 397 (negrito nosso).

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 390.

de Macau o cantonês, terá Defoe desconhecido este facto ou seria o português um verdadeiro poliglota?

Robinson resolve gratificar o piloto que o acompanhara desde Macau, "which was indeed but doing him justice (...) a most necessary man on all occasions (...)".⁷¹ O português, sempre bem disposto, vai, inclusive, transmitindo ao grupo inglês algumas informações etnográficas sobre o artesanato chinês. "The Portugal pilot, who had always something or other to say to make us merry (...) told me he would show me the greatest rarity in all the country (...) a house all made of China ware, such as you call it in England; or as it is call'd in our country [Portugal] porcellain."⁷² É então revelada aos ingleses, pelas mãos de um luso, uma raridade em todo o globo terrestre, uma casa coberta de porcelana, fazendo o piloto uma distinção lexical entre a língua inglesa e a portuguesa, tal como faz com a percepção das diferentes culturas e *modus vivendi*: "(...) I understand you, Seignior Inglese, I understand you", says he, 'but Seignior Chinese understood you his own way'.⁷³ Saindo da China, rumo a Inglaterra, o "Portugueze" demonstra, mais uma vez, ter sangue frio e pensar rapidamente, quando o grupo é atacado por inimigos. Daí que Robinson afirme "Our old pilot was our captain, as well as he had been our engineer (...)".⁷⁴ A personagem portuguesa é tida na mais alta estima e elogiada como alguém indispensável numa viagem.

A imagem dos portugueses, que nestes dois romances é positiva e até sublimada, muda de figura no romance *Captain Singleton*, que Defoe edita um ano depois das três aventuras de Robinson Crusoe. Bob Singleton, que havia sido raptado na infância e vendido a um cigano, segue numa embarcação que é atacada por barcos portugueses, sendo levado para Lisboa, onde acaba por se tornar ajudante da tripulação de "Don Garcia de Pimentesia de Caravallas, Captain of a Portuguese Gallion, or Carrack, which was bound to Goa in the East-Indies".⁷⁵

O comandante inglês afirma ter aprendido um pouco de português com o passar do tempo e, conseqüentemente, informações sobre a arte de navegar. Mas não apenas isto:

"I learnt several material Things in this Voyage among the Portuguese: I learnt particularly to be an errant Thief

⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 391.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 393.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 395.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 424.

⁷⁵ Cf. Daniel Defoe, *Captain...*, p. 5.

and a bad Sailor; and I think I may say they are the best Masters for Teaching both these, of Any Nation in the World.”⁷⁶

A crítica aos navegadores portugueses estende-se a muitos outros momentos da obra, sendo que tais críticas devem ser devidamente contextualizadas. É a voz de um pirata a que ouvimos: “(...) those scoundrels the Portuguese, a Nation I had an original Aversion to (...)”.⁷⁷ Inimigo de tudo e todos, Singleton ataca embarcações portuguesas que se defendem, dificultando-lhe, por isso, a actividade como corsário. Todas estas críticas ao povo português serão atenuadas se comparadas com as demais críticas que o comandante vai fazendo a todos os povos que se cruzam no seu caminho, uma vez que ele tem apenas uma coisa em mente: lucro e, de preferência, o mais fácil possível.

Viaja, então, rumo ao Brasil e, posteriormente, a Goa, roubando *moidores*⁷⁸ e mercadoria dos portugueses, que acusa de ladrões, enquanto aprende com eles tudo o que de mal se pode aprender no mundo. Apesar disso, a tripulação confia nele, retirando Bob dessa confiança o máximo partido que pode.

“(...) I was reputed as a mighty diligent Servant to my Master, and very faithful (...) I was far from being honest; however, they thought me honest, which by the Way, was their great Mistake(...). (...) the Portuguese, a Nation the most perfidious and the most debauch'd, the most insolent and cruel, of any that pretend to call themselves Christians, in the World”.⁷⁹

Se, no romance, Singleton é cativo dos portugueses, também, a partir do século XVI, a captura de navegadores portugueses era

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 6.

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 183. A própria afirmação justifica a crítica aos portugueses. O ódio aos portugueses é inato no comandante; o que desde logo manipula a imagem-representação que este apresenta dos mesmos.

⁷⁸ Mais uma vez Defoe reutiliza tópicos, topónimos e objectos relacionados com os Descobrimentos Portugueses. Para além do *Cabo de bona Speranza* (pp. 11), referido em inglês e português, Singleton navega pelo “Sea of Zaquebar, as the Portuguese call it (...)” (p. 43), *Mosambique* (p. 48), *Guiney* (p. 61), *Quilloa* (p. 77), *Rio Janeiro* (p. 187) e *Ormuz* (p. 314), entre outros locais. Ao longo desta sua viagem, o comandante vai descrevendo as exóticas cores locais, através de breves notas etnográficas que fazem, igualmente, eco de inúmeras narrativas de viagem portuguesas.

⁷⁹ Cf. Daniel Defoe, *Captain...*, pp. 6-7.

comum entre os corsários ingleses, conhecidos como "Sea-dogs".⁸⁰ Na crítica à nação portuguesa está também subjacente a crítica à religião católica, cujos preceitos morais alguns mercadores portugueses não seguiam. Defoe terá talvez lido ou tido conhecimento das críticas à corrupção da carreira da Índia, fenómeno esse que é actualmente apontado como uma das causas da queda do império do Oriente e a conseqüente viragem das atenções de Portugal para o Atlântico. Quer Robinson quer Singleton viajam para o Brasil e outras partes do mundo onde os portugueses se estabeleceram; o primeiro herói para trabalhar e enriquecer, o segundo para enriquecer, roubando. Os interesses e a caracterização de ambas as personagens filtram e influenciam, portanto, a imagem que ambos constroem e espelham de Portugal, aliado de um e rival do outro. Se no início da obra os portugueses representam tudo o que de mau existe no mundo, incluindo a cobardia, tal imagem vai desaparecendo até que um grupo de vinte e sete portugueses decide ficar desterrado na ilha, com Bob, enquanto outros intercedem por ele, junto do comandante que decidira castigá-lo.⁸¹ Resolvendo não permanecer na ilha, esse mesmo grupo parte numa viagem de duas mil milhas, até ao continente africano (Angola), onde mais uma vez o português é língua essencial.⁸² Singleton considera esta viagem única

⁸⁰ *Idem, ibidem*, pp. 4, 9 e 30. A tripulação portuguesa chama a Bob "English Dog". Já no século XVI os corsários ingleses eram chamados "Sea dogs". Vide Davis McDowell, *An Illustrated History...*, 1993, p. 73. Também cidadãos ingleses eram feitos cativos na costa portuguesa. Na zona das Berlengas é aprisionado, em 1612, um inglês de nome Roberto. Outro inglês, Rogério, é também tomado na Galiza quando, vindo de Inglaterra, se dirigia para Málaga. Vide Isabel Drumond Braga, *op. cit.*, pp. 33-37.

⁸¹ *Idem, ibidem*, pp. 18-19. Também na página 67, numa nota mais positiva, Singleton compara os portugueses ao povo de qualquer outra nação do mundo: "Nothing is more certain of the Portuguese than this, take them nationally or personally; if they are animated and hearten'd up by any body to go before, and encourage them by Example, they will behave well enough; but if they have nothing but their own Measures to follow, they sink immediately (...).

⁸² É em português que Singleton falará com os nativos africanos (p. 156). De acordo com James Sutherland, na introdução de *Captain Singleton*, 1969, p. ix: "Defoe was still basing his fiction on fact (...) Even here, however, it has been suggested that he may have owed some of his information to a former Guinea trader called Freeman, who recounted how a party of **Portuguese** had made an overland journey across Africa" (negrito nosso). Na página 153, Singleton procura o caminho para a "Gold Coast", que segundo Shiv K. Kumar nas notas da sua edição *Captain Singleton* (p. 281) é o actual Ghana, onde os portugueses foram os primeiros a construir um forte, em Elmina (1482). A partir de 1530, o monopólio dos portugueses na região foi desafiado pelos ingleses, até que em 1621 aí se instala a "West Company". Também no romance existe uma referência à *Gambia* (p. 154), onde os portugueses chegaram no século XVI e os ingleses no século XVII. Na página 250 refere-se *Surat*, um porto próximo de Bombaim, onde os portugueses comercializaram no século XVI, tendo aí chegado os ingleses um século depois.

no mundo. No entanto, mais uma vez os portugueses estão presentes. "It was as odd a Voyage as ever Men went (...)." ⁸³

Já em terras africanas, são os portugueses que conferem a Bob o estatuto de comandante. Quer a viagem quer a nomeação de Bob modificam a opinião que este tem dos portugueses: "(...) I have often wonder'd how a Number of Men, who, when they came to the Extremity, were so ill supported by their own spirits, had at first Courage to propose, and to undertake the most desperate and impracticable Attempt that ever Men went about in the World." ⁸⁴ São imagem e estatutos que ninguém nega a Portugal, em relação aos Descobrimentos. Tal estatuto é também referido implicitamente por Singleton, ao afirmar que o seu objectivo é viajar "round the Globe as others had done before us." ⁸⁵

O destino da viagem de regresso à Europa é Portugal, país a que será fácil chegar desde África. Mais uma vez, Lisboa é ponte entre o exótico e o familiar (o "European World"). ⁸⁶ Esta viagem torna-se possível após o encontro do grupo de Bob com um europeu ("White Man") ⁸⁷ que, não falando português, dificulta a comunicação. Este facto parece ser importante, uma vez que é referido pelo narrador duas vezes. ⁸⁸

Em 1686, Singleton decide partir para *farther adventures*, ⁸⁹ rumo ao Brasil, onde rouba, após um renhido combate naval, uma nau portuguesa, navegando, a partir de então, com a bandeira desta hasteada, como disfarce. O companheiro de viagem de Bob, o *Quaker* William Walters, pratica comércio ilegal ao longo da costa brasileira com donos de plantações, situação em que recebe, mais uma vez, apoio de um português. As possessões portuguesas são, como podemos verificar, locais cobijados por corsários e mercadores de toda a Europa: "The only Way we had was to make stand away for Goa, and Trade, if we could, for our Spices with the Portuguese Factory there (...)." ⁹⁰ É

⁸³ Cf. Daniel Defoe, *Captain...*, p. 39. De novo o tópico do *primus inventor*. Também Gulliver se intitula o descobridor das terras por onde viaja: "no European did ever visit these countries before me. I mean, if the inhabitants ought to be believed." (Jonathan Swift, *op. cit.*, p. 316).

⁸⁴ *Idem, ibidem*, pp. 67-68.

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 203. Implícitas nesta referência estão a circum-navegação de Fernão de Magalhães e, na sua senda, Francis Drake; entre outros.

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 155.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 147.

⁸⁸ *Idem, ibidem*, pp. 148-9.

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 168. Esta expressão dera título às segundas aventuras de Crusoe. No entanto, este último não embarca, segundo afirma, nas suas *farther adventures*, em busca de lucro financeiro.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 302.

nos mares da Índia que, mais tarde, o comandante inglês avista uma embarcação portuguesa vinda de Macau carregando especiarias. A “Pérola do Oriente” volta a marcar presença na Obra de Defoe.⁹¹

Se a presença portuguesa é intensa no início do romance, esbate-se no final do mesmo, sendo, agora, a imagem de Portugal mais positiva.

Seis anos após a edição de *Captain Singleton*, surge no mercado literário inglês um famoso romance de Jonathan Swift onde a imagem do Português povoa o imaginário da acção. *Gulliver's Travels* afasta-se das obras de Defoe através da ausência de realidade nas descrições das viagens da personagem principal. Alguns dos tópicos e temas⁹² dos romances do autor de *Robinson Crusoe* repetem-se e acumulam-se progressivamente até ao final da obra, momento em que aparecem em cena navegadores portugueses.

Partindo de viagem em quatro de Maio de 1699, Gulliver navega, também, rumo às Índias Orientais, naufragando num mundo ficcional de aventuras, que se mistura com topónimos reais, como é o caso do Cabo da Boa Esperança,⁹³ dobrado por todos os heróis dos romances por nós estudados, na senda dos portugueses. Todos os locais reais que Gulliver enumera são locais onde os portugueses estão presentes, apesar de tal não ser referido explicitamente no romance. No final da obra, essa presença implícita torna-se explícita, como nos indica o sumário da quinta parte do romance: “[Gulliver] is seized and carried by force into a Portuguese ship. The great civilities of the captain. The author arrives at England.”⁹⁴

Tendo-se escondido dos nativos, Gulliver avista um barco europeu a aproximar-se. Pequenos batéis vêm a terra buscar

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 308.

⁹² O fantástico-exótico é, nesta obra, uma marca distintiva, tal como a ficção científica, sendo o comércio com os nativos semelhante ao de Robinson Crusoe. No início da obra, vemos Gulliver informar o rei de Brobdingnag acerca da Europa, tal como Vasco da Gama fez ao rei de Melinde em *Os Lusíadas*. A curiosidade pelo exótico e o tópico dos antigos *versus* os modernos marcam também presença neste romance, pois Gulliver chega a New Holland em 1714/15, corrigindo a antiga cartografia europeia (p. 303).

⁹³ Cf. Jonathan Swift, *Gulliver's Travels*, p. 85. Gulliver volta a dobrar este Cabo no final da obra, significando este acto o seu regresso a casa; o caminho inverso ao que antes fizera. Este local torna-se, assim, também na literatura inglesa de viagens (nem que ficcionais), um referente geográfico importante. Gulliver viaja igualmente pelo Japão (p. 217) e pela Guiné (p. 232).

⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 303. Tal como nas aventuras de Robinson Crusoe, o comandante português é, neste romance, um homem de elevadas qualidades humanas.

água fresca, e os tripulantes portugueses acabam por descobrir Gulliver, escondido, “choosing rather to trust [him] self among these barbarians, than live with European Yahoos.”⁹⁵

O encontro com o Outro, julgado exótico, é nitidamente expresso na descrição do narrador:

“One of the seamen in Portuguese bid me rise, and asked who I was. I understood that language very well (...). They admired to hear me answer them in their own tongue.”⁹⁶

A língua portuguesa é, mais uma vez, meio de comunicação, e a imagem do Português é, desde logo, veiculada através do adjectivo *honest*, tal como acontece nos romances de Defoe.

“They [the Portuguese] spoke to me with great humanity and said they were sure the captain would care me *gratis* to Lisbon, from whence I might return to my own country (...).”⁹⁷

Tal como durante as duas aventuras de Robinson, os Portugueses mostram-se detentores quer de grande honestidade quer de fortes princípios morais, que Singleton critica, embora em circunstâncias específicas. Gulliver e Robinson são ambos resgatados pelos portugueses e transportados, de novo, para a “civilização”, servindo Lisboa, mais uma vez, de ponte entre o Novo Mundo e a velha Europa. A superstição dos navegadores portugueses encontra-se espelhada nesta obra, sendo um fenómeno que muitas vezes tem lugar perante o exótico: “(...) unless I would give my solemn oath not to fly, they would secure me by force.”⁹⁸

A tripulação portuguesa amarra Gulliver, contra a sua vontade, e leva-o para bordo da nau, cujo comandante “[Don] Pedro de Mendez (...) was a very **corteous** and **generous** person; he entreated me to give some account of my self, and desired to know what I could eat or drink (...) I wondered such **civilities**

⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 305.

⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 306.

⁹⁷ *Idem, ibidem*. O advérbio de modo *gratis* encontra-se destacado no texto impresso de Swift em itálico. Embora se utilize na língua inglesa, o termo confere ao discurso de Gulliver um tom mais latino, o que faz todo o sentido quando a personagem comunica em português.

⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 307.

from a Yahoo.”⁹⁹ O comandante é, tal como em *Robinson Crusoe*, detentor de qualidades humanas ímpares, distanciado-se de todos os outros Yahoos europeus. A sua caracterização psicológica continua: “[he] spoke so very **movingly** that at last I descended to treat him like an animal which had some little portion of **reason**.”¹⁰⁰ O diálogo é, então, possibilitado pela admirada personalidade de Pedro de Mendez. — “a **wise** man” —¹⁰¹ que, no entanto, não acredita nos relatos das viagens de Gulliver. Coloca-se, de novo, a questão da verosimilhança das narrativas de viagem, inúmeras vezes geradoras de dúvidas.

“In gratitude to the captain I sometimes sate with him at his **earnest** request, and strove to conceal my antipathy against humankind (...). The captain had often intreated me to strip myself of the savage dress, and offered to lend me the best suit of cloaths he had.”¹⁰²

Após várias tentativas por parte do comandante para reintegrar Gulliver no mundo dos humanos, a embarcação chega, finalmente, a Lisboa em cinco de Novembro de 1715. Nesta cidade o viajante inglês permanece vários dias na casa e compa-

⁹⁹ *Idem, ibidem* (negrito nosso). O apelido de Don Pedro de Mendez seria, decerto, conhecido em Inglaterra pois, para além de muitos outros Mendes envolvidos nos Descobrimentos e Expansão Portugueses, e referidos nos documentos coevos, o português Diogo Mendes (? -1542?) estabelece-se em Antuérpia em 1512, abrindo uma sucursal, através da qual controla a maior parte do comércio da pimenta e de outras especiarias no Norte da Europa. Estende, posteriormente, os seus domínios, como mercador-banqueiro, para Inglaterra, onde participa em empréstimos a Henrique VIII e ajuda cristãos-novos na emigração da Península Ibérica. Cf. Hermann Kellenbenz, s.v. «Mendes, Diogo», in Joel Serrão, *op. cit.*, vol. IV, p. 251. De acordo com Kathleen M. Williams, «Gulliver's Travels to the Houyhnhnms», in A. Norman Jeffares (ed.), *Swift...*, 1968, p. 248, Don Pedro de Mendez é a personagem que mais se assemelha aos Houyhnhnms, e “one of Swift's most attractive characters (...)”. Também W. A. Speck, *Swift*, 1969, p. 131, considera Don Pedro “one of the most admirable men in the whole book (...)”. John F. Ross, «The Final Comedy of Lemuel Gulliver», in Ernest Tuveson (ed), *Swift: A Collection...*, 1964, p. 87, contrapõe o altruísmo de Don Pedro à misantropia de Gulliver, afirmando que uma característica destaca a outra.

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 207 (negrito nosso). Para mais facilmente entendermos a comparação entre Pedro de Mendez e os animais racionais, recordemos o afecto exacerbado que Gulliver demonstra ter por cavalos ao regressar à Europa-Yahoo (p. 311). Igualmente o verbo de movimento, (neste caso psicológico) utilizado pelo narrador, espelha a atitude de superioridade da personagem para com os outros europeus/Yahoos, que Gulliver considera mentirosos (p. 308).

¹⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 308.

¹⁰² *Idem, ibidem*. A generosidade do comandante fica comprovada. A misantropia de Gulliver é analisada por vários estudiosos da Obra de Defoe, nomeadamente W. A. Speck, *op. cit.*, pp. 131-2.

nhia do comandante Mendez, cujas roupas o primeiro veste após terem sido arejadas durante vinte e quatro horas. Tal facto, inicialmente estranho, poderá adquirir um novo significado se analisado à luz da história da colonização e aculturação dos gentios brasileiros. O vestuário e tecidos que os padres e os civis transportam consigo para encobrir o nu do nativo brasileiro são portadores de inúmeras doenças europeias, a que os íncolas não resistem, devido ao seu isolamento e conseqüente imunodeficiência perante as novas pragas de doenças do Velho Continente. Se Gulliver viajara, ano após ano, por terras por ele consideradas mais puras que a Europa, a sua preocupação na limpeza do vestuário, que coloca de quarentena já durante a viagem até Lisboa, separa estes dois mundos, o real e o utópico.¹⁰³

Após vários dias de convívio, o comandante ajuda Gulliver a re-inserir-se, gradualmente, na sociedade europeia: "(...) added to very good *human* understanding, that I really began to tolerate his company (...) In a week's time he seduced me down to the door. I found my terror gradually lessened (...) I was at least bold enough to walk the streets in his company, but I kept my nose well stopped with rue, or sometimes with tobacco."¹⁰⁴ Apesar da descrição dos movimentos de Gulliver quer em casa do comandante quer nas ruas de Lisboa, a organização do espaço exterior da capital portuguesa jamais é descrita no romance. O comandante português "seduz" Gulliver a sair pelas ruas de Lisboa; sendo o verbo seduzir um verbo sugestivo, que confere ao mundo exterior, à Europa, uma simbologia diferente. Será este mundo pecado, tentação ou algo a evitar como tudo aquilo a que, segundo a tradição judaico-cristã, a sedução nos transporta?

O sentimento de honra e a forte consciência do comandante ficam expressos quando este convence Gulliver a regressar à sua terra natal, para junto da sua família. Fala, portanto, a voz da experiência adquirida nos mares quando Pedro de Mendez ensina a Gulliver que "it was altogether impossible to find such a solitary island as [he] had desired to live in".¹⁰⁵

Após a estada de dezanove dias em Lisboa, Gulliver parte rumo a Inglaterra num dos inúmeros barcos que os leitores

¹⁰³ *Idem, ibidem*, p. 6. O comandante Gulliver, numa carta ao seu primo Sympton, enfatiza a realidade das suas viagens referindo a não existência dos "inhabitants of Utopia.", por oposição aos povos que descreve e afirma serem reais. A carta, apresentada antes do romance, poderá, então, ser vista como uma estratégia de "suspension of disbelief".

¹⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 309.

¹⁰⁵ *Idem, ibidem*, p. 310. Uma ilha à semelhança da de Caliban e Prospero, portanto.

setecentistas sabiam navegar entre Portugal e a Inglaterra. A viagem demora doze dias e, no final da mesma, Gulliver confessa: "I had compelled my self to tolerate the sight of Yahoos, and to converse with Don Pedro Mendez; yet my memory and imaginations were perpetually filled with the virtues and ideas of those exalted Houyhnhnms".¹⁰⁶ Os seus desejos são, assim, contrários aos de Robinson Crusoe. Gulliver deseja naufragar solitariamente em locais desconhecidos, onde imperam o fantástico, o exótico e os contra-exemplos civilizacionais.

Retomemos, então, a citação inicial deste nosso artigo, na qual Gulliver refere os europeus que navegam pelos mares e exploram exóticas e desconhecidas terras e gentes. O navegador deve alargar os horizontes da restante população europeia, acção esta de que inúmeras vezes Portugal foi sujeito activo¹⁰⁷ sendo agora colocado em paralelo com a Inglaterra.

"But this description, I confess, doth by no means affect the British nation, who may be an example to the whole world for their wisdom, care, and justice in planting colonies; the liberal endowments for the advancement of religion and learning; their choice of devout and able pastors to propagate Christianity (...)." ¹⁰⁸

Revela-se curioso o facto de no romance *Captain Singleton* — cuja acção tem lugar na mesma época que a das duas aventuras de Robinson Crusoe — a imagem dos portugueses ser inicialmente diferente da do resto das obras por nós analisadas. Todavia, tal facto poder-se-á explicar, como afirmámos anteriormente, se contextualizarmos as referidas imagens nas mentes das personagens que no-la transmitem. A análise comparativa dos quatro romances revela dois grupos de personagens principais diametralmente opostas, que têm obviamente que ter um conceito relativamente diferente acerca dos portugueses. Defoe, através de Robinson, prepara a justificação para a leitura negativa dos portugueses no romance que se lhe seguiu um ano depois. Em *Captain Singleton* a focalização é a de um corsário

¹⁰⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁰⁷ *Idem, ibidem*, p. 312. Gulliver recorre, assim, a dois conceitos horacianos para definir o objectivo da sua escrita: "to **inform**, and not to **amuse** thee" (negrito nosso). Também Camões, bem como outros autores portugueses, ao espelharem novos mundos ao Mundo, afirmavam ter "vi[sto] claramente visto".

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 315. Gulliver faz uso do título de uma obra de Francis Bacon (1561-1626): *The Advancement of Learning*, autor este que referiu os feitos marítimos dos portugueses em *New Atlantis*.

inglês, que tenta tirar partido de homens do mar portugueses, que lhe pagam com a mesma moeda, sendo, no entanto, alguns navegadores lusos roubados e assassinados por Bob Singleton. São duas vozes que, até certo ponto, talvez se complementem, desvendando a atitude dos falantes. A imagem dos portugueses veiculada por Robinson e Gulliver, marinheiros honestos, neutraliza a representação inicial do corsário inglês, que seria talvez idêntica à de muitos outros ingleses que sonhavam com territórios que pertenciam, então, a Portugal. Recordemos Drake e Hawkings, entre outros. No entanto, a imagem final que Singleton apresenta do povo “lusos” é já uma imagem positiva, que se aproxima da dos outros dois heróis.

Defoe demonstra, ao longo dos seus três romances aqui analisados, um conhecimento relativamente profundo acerca do Brasil e de outras possessões portuguesas, nomeadamente no que diz respeito à toponímia, à estrutura socio-política, ao tráfico negreiro, aos hábitos comerciais e ao léxico, entre outros campos do saber. O autor é simultaneamente jornalista, facto este que lhe facilita o contacto com novas realidades que interessam ao gosto do público leitor dos jornais ingleses de então.¹⁰⁹ A imagem ou representação do Português, nestes quatro romances, é positiva e até emotiva; sendo esta personagem colectiva caracterizada como um povo honesto, que não engana o seu velho amigo e aliado. Se em *Robinson Crusoe* o grupo de colonos portugueses no Brasil tenta comercializar escravos para seu próprio benefício, fugindo à lei; tal ideia parte de Robinson. No entanto, autores como o Padre António Vieira¹¹⁰ descrevem, igualmente, a realidade vivida nas regiões de fronteira brasileira, bem como a ausência de leis que, muitas vezes, imperava por terras de Vera Cruz.

Finalmente, no romance de Swift, também Gulliver regressa à Europa e é auxiliado pelo comandante português a reinserir-se

¹⁰⁹ Cf. James Sutherland na introdução a *Captain Singleton*, 1969, p. V, afirma que “(...) Defoe had realised, like the good journalist he was, that the reading public of the early eighteenth century was eager for stories about adventures at sea. It is not difficult to see why. When Defoe was writing, large areas of the earth were still undiscovered, or very imperfectly explored.” Em relação a *Gulliver's Travels*, Milton Voigt, «The Sources of Gulliver's Travels», in Frank Brady (ed.), *Twentieth Century Interpretations of Gulliver's Travels*, 1968, pp. 18-19, afirma que “Fraudulent travel accounts (...) were welcomed by the eighteenth-century public, which, as Bonner points out, was ‘travel-crazy’.”

¹¹⁰ Vieira refere, na *Carta a El-Rei D. Afonso VI* (1660), a presença de “protestantes da Inglaterra”, entre outras seitas do Norte da Europa, no Recife de Pernambuco. *Apud* Afrânio Peixoto e Constâncio Alves, *Vieira Brasileiro*, vol. II, 1921, p. 219. Também José de Anchieta, *Informação do Brasil...* (1584), 1964, p. 29, refere a chegada de padres ingleses no Brasil.

na sociedade real, em Lisboa. Os heróis das obras por nós estudadas são, portanto, salvos por navegadores portugueses e visitam Lisboa, onde, decerto, entram através do rio Tejo.

O exotismo antropológico e literário impera em todos estes romances, através das mais diversas descrições de povos e costumes-Outros. É no seio de todos estes exóticos mundos, ou seja, de metáforas da alteridade trazida à luz nos séculos XV-XVII pela mão dos portugueses, que as personagens de Defoe e Swift se movem, sendo que estas aventuras não teriam sido possíveis sem a acção, a generosidade e a experiência náutica e humana dos portugueses. Se as viagens dos heróis destes autores são sinónimo de aprendizagem, já o haviam sido antes para os portugueses, de cujo "saber de experiência feito" Robinson, Singleton e Gulliver retiram o máximo de partido possível.¹¹¹ Seria, aliás, pouco provável e verosímil que estes navegadores ingleses se aventurassem pelos quatro cantos do globo nos séculos XVII-XVIII, e não encontrassem, no mar, naus e argonautas da "Ocidental praia Lusitana".¹¹²

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa

DEFOE, Daniel, *Captain Singleton*, introdução de James Sutherland, Dent, Londres, 1969.

_____, *Captain Singleton*, introdução de Shiv K. Kumar, Oxford University Press, Londres, 1969.

_____, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, introdução de Guy N. Pocock, Dent, Londres, 1969.

_____, *The History and Remarkable Life of (...) Colonel Jacque*, introdução de Samuel Holt Monk, Oxford University Press, 1965.

¹¹¹ Cf. John Traugott, «Voyage to Nowhere with Thomas More and Jonathan Swift», in Ernest Tuveson, *op. cit.*, p. 161: "(...) Swift dresses up More's Hythloday [Portuguese] to look like Defoe's Robinson Crusoe. The result is a Gulliver-as-Crusoe who discovers senseless facts until in the Fourth Voyage, as Hythloday, he discovers a fixed idea by which to measure those facts." Se é verdade que os ingleses aprendem com os portugueses, no que diz respeito aos Descobrimentos, o contrário também é verdade. As técnicas náuticas exigiam dos pilotos portugueses conhecimentos de cosmografia, "tendo sido dominante em Portugal, desde o século XIII, a influência do *Tratado da Esfera*, do frade inglês João Sacrobosco [John Holywood] (1190-1256) citado por Duarte Pacheco Pereira, no *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505-1507)". Cf. Maria Ema Tarracha Ferreira (ed.), *Literatura dos Descobrimentos...*, 1993, p. 45. Veja-se também o estudo de Joaquim Barradas de Carvalho, *As fontes de Duarte Pacheco Pereira...*, 1982.

¹¹² Cf. Luís de Camões, *op. cit.*, I, 1.

_____, *The Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoe (...)*, introdução e notas de J. Donald Crowley, Oxford University Press, Londres, 1972.

_____, *Robinson Crusoe*, Penguin Books, Harmondsworth, 1994.

SWIFT, Jonathan, *Gulliver's Travels*, introdução de Clive T. Probyn, Dent, Londres, 1975.

Bibliografia passiva

(*The*) *alliterative Morte Arthure* (c. 1400), texto anónimo, edição crítica de Valerie Krishna, Bust Franklin, Nova Iorque, 1976.

AMARO, Ana Maria, «Jogos de cartas de Macau de tradição ibérica», in *Revista de Cultura*, n.º 23, II série, Macau, 1995.

ANCHIETA, José de, *Informação do Brasil e de suas Capitanias*, introdução de Leonardo Arroyo, Editora Obelisco, São Paulo, 1964.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, *Entre a Cristandade e o Islão (séculos XV-XVII): Cativos e Renegados nas Franjas de duas Sociedades em Confronto*, Instituto de Estudos Ceuties, Ceuta, 1998.

CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, introdução e notas de Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1987.

CARREIRA, José Nunes, *Outra Face do Oriente*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1997.

CARVALHO, Joaquim Barradas de Carvalho, *As Fontes de Duarte Pacheco Pereira no 'Esmeraldo de Situ Orbis'*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1982.

ELLIS, Frank H.(ed.), *Twentieth Century Interpretations of Robinson Crusoe*, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs-N. J., 1969.

FERREIRA, Fernanda Durão, *As fontes portuguesas de Robinson Crusoe*, Fim de Século, Lisboa, 1996.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha (ed.), *Literatura dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1993.

GARRETT, Luís de Almeida, *Frei Luís de Sousa*, introdução e notas de Luís Amaro de Oliveira, Porto Editora, Porto, 1987.

HAKLUIT, Richard, *Voyages and Discoveries. The Principle Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*, selecção, introdução e notas de Jack Beeching, Penguin Books, Harmondsworth, 1982.

HAMMOND, J. R., *A Defoe Companion*, Barnes and Noble Books, Londres, 1993.

HOMERO, *A Odisseia*, Publicações Europa-América, Mem-Martins, s/d.

KELLENBENZ, Herman, «Mendes, Diogo», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário da História de Portugal*, vol. IV, Livraria Figueirinha, Porto, 1992.

- LEY, Charles, *Portuguese Voyages 1498-2663*, J. M. Dent, Londres, 1953.
- LILJEGREN, S. B., «Studies on the Origin and Early Tradition of English Utopian Fiction», in *Essays and Studies on English Language and Literature*, n.º XXIII Upsalla University — English Institute, Upsalla, 1961.
- LOUSADA, Isabel Maria da Cruz, *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em Portugal (1554-1900)*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.
- MACEDO, Duarte Ribeiro de, *Sobre a Introdução das Artes no Reino*, in *Antologia dos Economistas Portugueses*, selecção, prefácio e notas de António Sérgio, Publicações da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1924.
- MC Dowell, David, *An Illustrated History of Britain*, Longman, Londres, 1993.
- MORE, Thomas, *Utopia*, introdução e notas de Robert M. Adams, W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1975.
- NASCIMENTO, João Cabral, «Machim, lenda de», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Livraria Figueirinha, Porto, 1992.
- NOVAK, Maximillian E., *Realism, Myth, and History in Defoe's Fiction*, University of Nebraska Press, Londres, 1983.
- O'SULLIVAN, Dan, *The Age of Discoveries (1400-1550)*, Longman, Londres, 1984.
- PEIXOTO, Afrânio e Constâncio Alves, *Vieira Brasileiro*, vol. II, Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1921.
- ROGERS, Pat, *Robinson Crusoe*, George Allen & Unwin, Londres, 1979.
- ROSS, John F., «The Final Comedy of Lemuel Gulliver», in Ernest Tuveson (ed.), *Swift: A Collection of Critical Essays*, Prentice-Hall., Englewood Cliffs-N. J., 1964.
- ROWSE, A. L., *The Elizabethans and America*, Macmillan & Co. Ltd, Londres, 1959.
- _____, *The Expansion of Elizabethan England*, Macmillan & Co. Ltd, Londres, 1955.
- SEGALEN, Victor, *Lire l'Exotisme*, Livre de Poche, Paris, 1999.
- SELLMAN, R. R., *The Elizabethan Seamen*, Methuen and Co., Londres, 1962.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, «Drake, William», in Joel Serrão (ed.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Livraria Figueirinha, Porto, 1992.
- SILL, Geoffrey M., *DEFOE and the Idea of Fiction (1713-1719)*, Associated University Presses, Londres, 1983.

- SILVA, Maria Fernanda Espinosa Gomes da, «Noronha, Fernando», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992.
- SIMÕES, Manuel, *A Literatura de Viagens nos séculos XVI e XVII*, col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1985.
- SMITH, Adam, *The Wealth of Nations*, University Paperbacks, Londres, 1961.
- SOARES, Padre Francisco, *Coisa Notáveis do Brasil*, in Luís de Albuquerque (dir.), *O Reconhecimento do Brasil*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989.
- SOUSA, Gabriel Soares de, *Notícia do Brasil*, comentário de Luís de Albuquerque, Publicações Alfa, Lisboa, 1989.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de, *Mito e Criação Literária*, «col. Horizonte», n.º 46, Livros Horizonte, 1985.
- SPECK, W. A., *Swift*, Evans Brothers Limited, Londres, 1969.
- TORRES, Ruy d' Abreu, «Galvão, António», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992.
- TRAUOGOTT, John, «Voyage to Nowhere with Thomas More and Jonathan Swift», in Ernest Tuveson (ed.), *Swift: A Collection of Critical Essays*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N. J., 1964.
- VOIGT, Milton, «The Sources of Gulliver's Travels»; in Frank Brady (ed.), *Twentieth Century Interpretations of Gulliver's Travels*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs-N. J., 1968.
- WEBER, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Editorial Presença, Lisboa, 1983.
- WILLIAMS, Kathleen M., «Gulliver's Travels to the Houynhnms», in A. Norman Jeffares (ed.), *Swift: Modern Judgements*, Macmillan, Londres, 1968.
- WOODWARD, David, «Reality, Symbolism, Time and Space in Medieval World Maps», in *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 75, n.º 4, s/1, Dezembro de 1995.